

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO E EDUCAÇÃO PROFISSIONAL  
COORDENAÇÃO DE ESTUDOS E PESQUISAS INOVADORAS NA GRADUAÇÃO  
NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

LUZINEIDE PEDROSA DE SOUZA

AS RELAÇÕES ÉTNICO - RACIAIS NAS NOVELAS INFANTIS – CARROSSEL E  
CHIQUITITAS

CURITIBA

2015

LUZINEIDE PEDROSA DE SOUZA

AS RELAÇÕES ÉTNICO - RACIAIS NAS NOVELAS INFANTIS –  
CARROSSEL E CHIQUITITAS

Trabalho apresentado como requisito parcial à  
conclusão do Curso de Especialização em  
Educação das Relações Étnico-Raciais – Núcleo  
de Estudos Afro-Brasileiros – Universidade  
Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Tony André Scharlau Vieira

CURITIBA

2015

Dedico essa pesquisa ao meu marido Ronaldo, que sempre esteve ao meu lado, apoiando, incentivando os meus estudos. Às minhas filhas Lívia e Thais, que suportaram minha ausência aos sábados, durante todo o curso, e aos familiares que ajudaram a cuidar delas enquanto eu frequentava as aulas.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu orientador, Prof. Dr.Toni André Scharlau Vieira, pela paciência e profissionalismo no acompanhamento e orientação dessa pesquisa.

Aos professores e professoras do curso de especialização em educação das relações étnico – raciais.

Às minhas colegas de turma, em especial Adriane Schip e Rosane Crenski, companheiras fiéis durante todo o curso.

**Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar,  
podem ser ensinadas a amar.**

**Nelson Mandela**

## SUMÁRIO

<b><u>1 INTRODUÇÃO</u></b> .....	6
<u>1.1 JUSTIFICATIVA</u> .....	6
<u>1.2 OBJETIVO GERAL</u> .....	7
<u>1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS</u> .....	7
<b><u>2 REVISÃO DE LITERATURA</u></b> .....	9
<b><u>3 NOVELAS INFANTIS E RELAÇÕES RACIAIS</u></b> .....	10
<u>3.1 CARROSSEL</u> .....	10
<u>3.2 CHIQUITITAS</u> .....	12
<b><u>4 A PRESENÇA DO NEGRO NAS TELENOVELAS BRASILEIRAS</u></b> .....	15
<b><u>5 A ORIGEM DO RACISMO BRASILEIRO</u></b> .....	17
<b><u>6 O PAPEL DA MÍDIA NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE</u></b> .....	19
<b><u>7 A EDUCAÇÃO E AS RELAÇÕES ÉTNICO – RACIAIS</u></b> .....	22
<b><u>8 PESQUISA DE CAMPO</u></b> .....	26
<b><u>9 ENQUETE REALIZADA COM ALUNOS DE 5 A 6 ANOS:</u></b> .....	28
<b><u>10 CONSIDERAÇÕES FINAIS</u></b> .....	29
<b><u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u></b> .....	31

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho traz uma análise dos papéis desempenhados por atores negros nas novelas *Chiquititas* e *Carrossel*, bem como a análise da opinião de crianças de 5 a 6 anos da Escola Municipal Pedro Biscaia, em Araucária, a respeito de cenas em que o personagem Cirilo da novela *Carrossel* é desprezado pela menina rica e branca a qual ele tinha grande paixão. Também foi feita uma entrevista aberta com essas crianças, utilizando fotografias de crianças negras e brancas. Após assistirem ao vídeo, as crianças eram questionadas: "Qual dessas crianças você convidaria para sua festa de aniversário?".

O trabalho ainda apresenta dados de pesquisas realizadas sobre o histórico das telenovelas brasileiras, os papéis representados por negros na mídia e o racismo presente neles. Foram utilizadas como principais referências a obra de Joel Zito Araújo e pesquisas do Professor Paulo Vinicius Baptista da Silva.

Ainda aborda informações sobre a teoria do branqueamento, difundida no início do século XX e a formação da identidade da criança negra, fazendo um paralelo com a influência da mídia nesse processo e o papel da educação frente a essas questões.

Para Silva, (2007, p.3) Tratar, pois, de ensinamentos e de aprendizagens, é tratar de identidades, de conhecimentos que se situam em contextos de culturas, de choques e trocas entre jeitos de ser e viver, de relações de poder. De acordo com Paulo Freire, (1969) é através do conhecimento e das relações entre os sujeitos e o mundo, que o homem transforma a realidade.

### 1.1 JUSTIFICATIVA

A presente pesquisa analisa as cenas das novelas infantis "Carrossel" e "Chiquititas", chamando atenção para as formas como o racismo está presente na

mídia, já inculcando na cabeça das crianças que os negros são inferiores, tanto economicamente como intelectualmente. Que a eles são oferecidos os papéis menos importantes em que muitas vezes são humilhados de maneira sutil ou escancarada simplesmente por não serem brancos.

Os pais, professores e demais autoridades envolvidas com a infância, precisam estar atentos aos programas infantis. Não se trata de privar seus filhos do acesso a essas novelas, mas assistir juntos, refletindo sobre a ideologia presente, seus pontos positivos e negativos.

Com as análises realizadas, busca-se chamar atenção para o desrespeito ao ser humano, não permitindo que cenas como essas sejam exibidas para adultos e muito menos para crianças que estão em fase de formação de personalidade e que poderão acatar essas atitudes como “normais”. Causando assim sérios prejuízos ao convívio social e ao cumprimento das leis que tratam da igualdade racial.

**Título:** As relações étnico - raciais nas novelas infantis: - “Carrossel” e “Chiquititas”.

**Problematização:** Como as relações étnico - raciais são abordada para o público infantil, nas novelas Carrossel e Chiquititas, nos anos de 2013 e 2014?

## 1.2 OBJETIVO GERAL

- Analisar como as relações raciais são tratadas nas novelas Carrossel e Chiquititas buscando opiniões de criança de 5 e 6 anos a respeito das cenas apresentadas;

## 1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar como as relações raciais foram e continuam sendo tratadas ao longo da história;

- Propiciar uma reflexão a respeito da influência da mídia na formação da identidade de crianças e adolescentes e o papel da educação nesse contexto.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

**Conceito:** A formação da identidade da criança, relações de dominação racial.

A mídia tem o poder de atingir seu público alvo em curto espaço de tempo e de maneira muito rápida. Por isso, seu poder de persuasão é muito forte na sociedade atual, em que a tecnologia aproxima as pessoas dos recursos midiáticos de maneira surpreendente. Hoje é possível acessar o capítulo da novela na areia da praia, no ônibus ou em qualquer lugar em que haja rede *wi fi*.

Sobre o tema a ser pesquisado, há estudos sobre o negro na mídia, relatando os papéis a que eram e continuam sendo submetidos. Esses materiais servirão como base teórica para a fundamentação da pesquisa.

### 3 NOVELAS INFANTIS E RELAÇÕES RACIAIS

#### 3.1 CARROSSEL

Carrossel foi produzida pelo Sistema Brasileiro de Televisão, (SBT) cuja exibição ocorreu entre 21 de maio de 2012 e 26 de julho de 2013, totalizando 310 capítulos, Escrita por Íris Abravanel, com a colaboração de Carlos Marques, Fany Higuera, Grace Iwashita, Gustavo Braga, Marcela Arantes e supervisão de texto de Rita Valente e dirigida primeiramente por Del Rangel (mais tarde substituído por Reynaldo Boury), é inspirada na telenovela mexicana Carrusel.

A novela também foi e está sendo exibida em outros países:

País	Canal	Ano
 Angola	TV Zimbo <sup>149</sup>	2013
 Indonésia	Trans7 <sup>144 150</sup>	2013
 Bolívia	Red UNO <sup>151</sup>	2014
 Equador	Ecuavisa	2014
 Nicarágua	Televiscentro	2014

De acordo com a autora Íris Abravanel, abordar os temas racismo, religião, obesidade, que geram *bulliing* foi proposital, para que as crianças discutam essas questões e se tornem adultos mais conscientes. Mas até que ponto a telenovela conscientiza ou induz ao bulliing?

As crianças se espelham nos personagens e colocam apelidos nos colegas que apresentam as características desses personagens, causando assim muitas situações conflituosas, agressão verbal e até mesmo física.

Na novela Carrossel, em que a trama envolve crianças de uma escola, não há nenhum professor, nem funcionário negro. O único aluno de família negra é Cirilo, interpretado por Jean Paulo Campos, que também é o mais carente e ingênuo de todos. O pai de Cirilo, interpretado pelo ator Marcelo Batista, é marceneiro e a mãe, interpretado pela atriz Adriana Alves, é dona de casa.

O menino é apaixonado pela menina mais rica da turma, Maria Joaquina, papel interpretado por Larissa Manoela, filha de um médico, rica e branca. A menina humilha Cirilo o tempo todo, dizendo a ele para se colocar no seu lugar. Deixando claro que negros e brancos não podem ocupar os mesmos espaços.

Além de Maria Joaquina, há os meninos “maus” da turma, Paulo e Kokimoto, interpretado pelos atores, Lucas Santos e Matheus Ueda, que abusam da bondade e inocência de Cirilo, fazendo com que passe por várias humilhações. Eles se referem a Cirilo como “Chocolate”.

Nas cenas dos capítulos 7, 8 e 9 Maria Joaquina faz um sorteio para escolher quem irá a sua festa de aniversário e não coloca o nome de Cirilo. Mas um dos meninos sorteados, não podendo comparecer, dá seu convite para Cirilo, que fica feliz da vida. A menina quando fica sabendo, chama Cirilo e rasga o convite diante dele dizendo que não o quer em sua festa. A professora conversa com o pai da garota, que força a menina a convidar toda a turma para a festa. Cirilo chega à festa com um simples buquê de flores para dar de presente à Maria Joaquina, que esmaga as flores na frente do menino. O pai da menina tenta amenizar a situação, levando Cirilo para brincar nos brinquedos da festa, os quais o menino nunca havia visto. Ele fica encantado.

Mais uma vez o negro é visto como o coitadinho sendo humilhado pelo branco. O pai da menina é o branco bondoso que se compadece do sofrimento do pobre negro. Percebe – se que no cenário das telenovelas infantis se repetem as cenas que estão na mídia desde o surgimento das primeiras telenovelas.

Em *Sinhá-Fulô*, novela de Lafayette Galvão, a luta abolicionista é tratada como eixo central da história, embora lembre Zito, seja reforçado no decorrer da trama o estereótipo do herói branco, responsável pela libertação do negro do cativo.

Nos últimos capítulos da novela, o pai de Cirilo ganha na loteria, eles ficam ricos e vão ser vizinhos de Maria Joaquina. Cirilo escolhe um quarto que fica de frente com a janela do quarto da menina, mas para sua infelicidade, mesmo rico, ele continua sendo rejeitado por ela. Deixando claro que o problema não é somente seus modos e condição social, pois continua sendo negro.

### 3.2 CHIQUITITAS

CHIQUITITAS também é uma telenovela voltada ao público infante – juvenil produzida pelo Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), e exibida desde 15 de julho de 2013, com término previsto para 31 de março de 2015. Serão ao todo 445 capítulos, escritos por Íris Abravanel, com a supervisão de texto de Rita Valente e a colaboração de Carlos Marques, Fany Higuera, Gracy Iwashita, Gustavo Braga e Marcela Arantes. A novela é inspirada em uma telenovela Argentina de mesmo nome e já foi exibida em 1997, por essa mesma emissora.

A trama se passa em um orfanato, Raio de Luz, onde vivem várias crianças. No início eram apenas meninas, depois foram morar no orfanato três meninos de rua e uma menina, que também sofreram humilhações, foram presos, até conseguirem ser aceitos. Um dos meninos e a menina são de origem afro, Felipe chamado de Mosca e Patrícia chamada de Pata, interpretados pelos atores, Julia Oliveira e Gabriel Santana.

A menina, Pata, apresenta uma personalidade forte com tendência à agressividade e no início não aceita seu cabelo, apresenta complexo de inferioridade. Com o desenrolar da trama, amadurece passando a se aceitar e ser aceita pelos demais.

Mosca, como é chamado o menino, antigo morador de rua, é um líder dos meninos e também apresenta temperamento forte, não aceitando muitas vezes as regras impostas no orfanato.

Outro personagem negro é Chico, interpretado pelo ator João Acaiabe. Ele é o cozinheiro do orfanato. É companheiro, o paizão da garotada, procurando agradar a todos com seus docinhos e quitutes. Mas em um dos episódios, Chico leva as meninas em uma festa de colegas da escola e elas pedem que ele as deixe duas quadras antes para não serem vistas na companhia do cozinheiro negro.

Shirley é outra personagem negra, interpretada por Olívia Araújo, empregada doméstica, que vai trabalhar na casa da antiga modelo falida, Maria Eduarda, interpretada por Virgínia Novick, que vive à custa da filha e só pensa em luxo e consumismos exagerados. Apesar de ter vergonha de ser vista com a empregada, Maria Eduarda se torna amiga de Shirley, que é a única que a socorre quando sofre um acidente doméstico. Mesmo após ser abandonada pela ex-patroa na prisão, por venderem produtos de beleza falsos, após se desentender com a filha, por não aceitar seu namoro com um garçom, Maria Eduarda é obrigada a pedir abrigo à ex-empregada doméstica, que mora na periferia, tendo que quebrar com muitos preconceitos.

Neco, Kaik Francisco, também é um menino negro resgatado da exploração do trabalho infantil em uma carvoaria na Amazônia, apresenta personalidade dócil e se adapta facilmente à vida no orfanato Raio de Luz.

Muitas crianças ficam fascinadas e sonham em ficar parecidas com seus ídolos da tevê, não só as crianças, mas os adultos também. O problema é que nunca uma criança negra será loira como a Xuxa ou Angélica. Será que nunca ninguém pensou em como fica a autoestima de uma criança negra que só vê em destaque pessoas brancas?

Na novela Chiquititas exibida pelo SBT, tanto a menina negra quanto a branca foram convidadas por uma agência de modelos para um desfile. A menina branca não admitia concorrer com uma negra, pois ela é que era o modelo de beleza. Quem se destacou, como sempre, foi a branca. A criança negra foi sabotada, passaram

vaselina nos sapatos da menina, que caiu em plena passarela. Por que os negros têm que passar por essas humilhações?

A menina branca foi convidada para ser garota propaganda de uma grife famosa, enquanto que a negra nem cogitaram mais a possibilidade de ela ser modelo.

Pata, a personagem negra, também se apaixonou por um garoto branco e rico, mas apareceu uma concorrente, que por ser branca, levou a melhor. O menino propôs que ela ficasse com ele e fingissem que estavam namorando, para fazer ciúmes para a menina branca. Mesmo sofrendo, por se sentir usada, ela topa só para ter a chance de ficar ao lado dele.

O cozinheiro do orfanato, onde se passa a maior parte da novela, também é um senhor negro, simples, disposto a ajudar a todos e por isso muito querido na novela. Mas todas essas qualidades não foram suficientes para que ele arranjasse uma namorada na novela. Mas quando ganha um bom dinheiro passa a despertar o interesse de sua colega de trabalho, que não vê o ser humano, mas o dinheiro que ele possui.

#### 4 A PRESENÇA DO NEGRO NAS TELENÓVELAS BRASILEIRAS

De acordo com Joel Zito Araújo, em seu livro “A Negação do Brasil – O Negro na telenovela brasileira”, o negro não se assume como negro no Brasil. A ideologia da branquitude presente na mídia e nos espaços culturais, nega a presença da maioria da população negra.

O racismo camuflado na sociedade, precisa ser tratado com maior seriedade, pelos veículos de comunicação, que muitas vezes reforçam as atitudes racistas com estereótipos que ridicularizam de maneira alarmante o negro brasileiro, pintando o rosto das pessoas e forçando traços afros nos personagens de maneira exagerada.

Houve nos últimos tempos, um aumento crescente em relação ao reconhecimento da identidade negra no Brasil. Produtos para cabelos e técnicas de tratamento para cabelos afros têm estado presente na mídia. Mas ainda é raro um protagonista negro nas telenovelas.

A desigualdade social da população negra, comparada a minoria branca, também é retratada nas telenovelas. O negro só consegue ascensão social sendo um craque do futebol, que teve a sorte de ser reconhecido, ou ganhando na loteria. As funções ocupadas por pessoas negras, desde o surgimento das telenovelas, geralmente são de empregadas domésticas, motorista ou qualquer outra função que seja servir ao superior branco.

Nas novelas Carrossel e Chiquititas exibidas pelo SBT nos anos de 2013 e 2014, a situação não é diferente. Os personagens negros são os mais pobres, (a família de Cirilo da novela Carrossel), são os empregados domésticos bonzinhos como, Shirley e Chico da novela Chiquititas ou são os coitadinhos resgatado pelos brancos, como Pata e Mosca, que eram crianças de rua e são os únicos que têm como apelido nomes de animais. O pequeno Neco, resgatado do trabalho infantil nas carvoarias. Porque o negro é sempre o que vive em piores condições? Como a criança negra, em plena formação interpreta essas questões?

No entanto, de acordo com alguns autores, aos poucos a população negra está conquistando seu espaço nas telinhas da televisão brasileira.

De acordo com Cândido (2009) a presença de personagens negros e dos figurinos usados por eles a televisão tem auxiliado na imagem positiva do negro na sociedade e para sua própria autoestima, uma vez que até pouco tempo os negros só apareciam com figurinos de escravos. De acordo com o autor, a descoberta de um novo público com grande capacidade de consumo sugere um olhar diferenciado para as questões raciais, sociais e de identidade nacional, onde a crescente visibilidade em relação à raça negra, notada desde a última década do século XX é colocada em questão. Fernandes (2009) concluiu que o processo contínuo de revisão e ressignificação dos sentidos da identidade negra brasileira seguem intimamente dependendo do desenvolvimento da teledramaturgia nacional e de seus produtos no que concerne às formas de representação da negritude.(SILVA, 2010, p. 5 )

## 5 A ORIGEM DO RACISMO BRASILEIRO

No início do século XX em São Paulo iniciou-se uma busca pelo branqueamento da população. Acreditava-se que os negros deveriam assimilar os valores dos brancos, se igualando a eles, para dessa forma, se tornarem pessoas “dignas”.

Sendo assim, não eram vistos com bons olhos quem frequentava os bailes negros, ouviam e dançavam seus estilos musicais, como o samba e o maxixe.

Essa teoria foi denominada teoria do “branqueamento” e alguns autores denominam de “assimilados” os negros que aderiram a postura dos brancos.

Há portanto, um entendimento tácito de absorção das pequenas teorias raciais e de por meio de cruzamentos até estimulados, diluir o sangue negro, em pouco mais de dois séculos, talvez, esteja concluído o processo assimilador[...]Amaral, apud Domingues(2010 p.573).

Os negros que assimilaram essa teoria passaram a propagá-la de maneira que se formou uma elite negra. Eram os que haviam adotado os valores dos brancos. Já os que não aderiam eram tidos como motivo de vergonha para a raça.

Todos os costumes trazidos pelos africanos passaram a ser ignorados. A forma de se vestir, as danças, os ritmos de batuque, como o samba e as religiões de matriz africana. Esse repúdio à cultura negra diferenciava a plebe da elite negra. Ou seja, o racismo passou a existir entre os próprios negros. Os negros assimilados negavam sua origem, reforçando o racismo dos brancos.

Nessa época surgiram vários produtos de beleza que prometiam “melhorar” a estética dos negros. Eram produtos para alisar os cabelos e cremes que traziam como promessa clarear a pele negra.

Atenção, milagre!...Outra grande descoberta desse século, é o creme líquido. Milagre, dispensa o uso de pó de arroz...Fórmula científica alemã para tratamento da pelle.Clarea e amacia a cútis.( O Clarin da Alvorada, São Paulo, 28/09/1930) apud Domingues (2010, p.580)

O creme era de origem alemã, ou seja, a raça ariana que era tida como padrão de beleza. Ser negro era motivo de feiura.

Os negros assimilados não se consideravam africanos, mas brasileiros, queriam despir-se da cultura africana.

Os pais aconselhavam os filhos a se casarem com brancos, para que o netos nascessem de pele mais clara. "Em última instância, estamos diante de um raçacídio, que constituiria no suicídio coletivo de uma comunidade étnica[...] com armas ideológicas aceitas pelos membros dessa comunidade."(Domingues, p.582).

Alguns diziam que se houvesse um remédio, tomariam para ficarem mais claros.

Toda essa alienação tem um lado positivo, pois até hoje muitas pessoas temem ter filhos negros. Não querem que os filhos sofram com o racismo, como eles sofreram.

Na literatura da época, o negro se apaixonava por uma branca, mas era visto como um amor impossível, em que ele morria e não era correspondido.

A entrada de imigrantes afro americanos também foi barrada. " O Itamarati, em medida preventiva, deliberou negar vistos diplomáticos para esses potenciais imigrantes, Dada a preocupação da elite em evitar o "enegrecimento" do país"[...] Domingues, p. 590).

Pode-se notar que na década de 1920 houve uma grande rejeição da população negra, tanto por brancos quanto pelos próprios negros "embranquecidos". Os resquícios dessa teoria com certeza foram passados de uma geração para outra. Hoje temos pessoas que defendem os direitos de igualdade, que mesmo tendo sido criadas por pessoas racistas, não assimilaram esses valores. Em contrapartida temos os que demonstram atitudes racistas o tempo todo. Em suas falas e atitudes.

Com a abolição da escravatura, muitos negros ficaram sem ter para onde ir e o quê fazer, por isso, muitos sem opção caíram no vício e na marginalidade. Os negros que tiveram oportunidades melhores se sobressaíram, conseguiram uma ascensão social.

Não podemos negar que essa ideologia, que todo esse passado histórico é muito forte na mídia, onde prevalece a maioria branca dominante, protagonistas da história e os negros como meros coadjuvantes.

## 6 O PAPEL DA MÍDIA NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE

A sua autoimagem e a imagem do outro é fundamental na formação da identidade da criança. Ela precisa se ver no outro.

Para SODRÉ,(1999, p.34) apud Lima 2006, p.22,citado por Belloni, dizer identidade é designar um complexo relacional que liga o sujeito a um quadro de referência, constituído pela intersecção de sua história individual com a do grupo onde vive. Cada sujeito individual é parte de uma continuidade histórico-social, afetado pela integração num contexto global de carências naturais, psicossociais e de relações com outros indivíduos, vivos e mortos. A identidade de alguém, de um "si mesmo", é sempre dada pelo reconhecimento do "outro", ou seja, a representação que o classifica socialmente.

A mídia torna a população negra, maioria no país, invisível, velando dessa forma, o racismo presente na sociedade. Essa população não aparece nos heróis, nos telejornais, nas apresentadoras de programas infantis, nos protagonistas das novelas, enfim em lugares de destaque.

Na mídia são raros os casos em que pessoas negras ocupam cargos importantes nas novelas. Os papéis oferecidos a eles são sempre de subalternos, sujeitos ou objetos de violência, miséria ou objeto sexual. A presença de atores negros nos papéis principais, de protagonistas ou antagonistas, praticamente inexistiu. (SILVA, 2005 p.10).

A criança negra não consegue se vir em ninguém de prestígio, como pode se sentir capaz e almejar um lugar de destaque, quando toda a sociedade mostra que esses são lugares de brancos?

De acordo com a teoria do aprendizado social, por exemplo, as pessoas aprendem sobre valores e comportamentos por meio da observação de atitudes e comportamentos de outros indivíduos. Assim, a transmissão de determinadas representações e ideias influencia o aprendizado sobre elas Campanário, (NOHARA e RAMUSKI 2010, p.4)

Não podemos negar que há pessoas negras em destaque na mídia sim, mas é uma parcela quase imperceptível diante de tantos brancos. Serão eles menos talentosos ou não se esforçam o suficiente para alcançarem posições de destaque?

Podemos citar como exemplo as novelas "Da cor do Pecado" e "Viver a Vida" em que a atriz Taís Araújo é destaque. O nome da novela já revela um teor racista em que uma personagem negra tem um romance com um branco (Reinaldo Gianechini). Ambas mostram que a mulher negra só encontrará felicidade ao lado de um homem branco. Na primeira novela, a atriz é chamada de preta o tempo todo, como se negro não precisasse de nome. Além de tudo, é acusada de roubo, golpista, por ser pobre e negra apaixonada por um branco. Ou seja, negro tem que sofrer.

Na novela viver a vida, a atriz também é perseguida e culpabilizada por um acidente em que a enteada sofre em uma viagem com ela. Mesmo pedindo perdão de joelhos, a atriz é esbofeteada e humilhada pela mãe da enteada, a senhora branca, interpretada por Lília Cabral, em pleno 20 de novembro, Dia da Consciência Negra.

A novela "Senhora do Destino", mostra que pra ser bom marido tem que ser branco, negro é vagabundo e alcoólatra. Uma das personagens se apaixona e engravida do filho do prefeito. A adolescente também aparece em cenas sendo humilhada e taxada como golpista pela mãe do rapaz.

Cenas como essa só reforçam a teoria da branquidade, ou seja, é preciso ter filhos brancos, viver os costumes dos brancos, ascender-se socialmente, ter filhos mais claros para que não sofram tanta discriminação. É difícil querer ser de uma cor que ninguém aceita, a considerada mais feia.

O adolescente, que já passa por uma fase cheia de complexos de inferioridade, se deparando com tais cenas, sente-se pior ainda.

De acordo com Thompson (2001), a mídia contribui para reproduzir e ampliar relações de dominação, sustentando as relações assimétricas de poder dos brancos sobre os negros.

Podemos notar, que os jogadores de futebol negros, quando atingem um poder aquisitivo melhor, em sua maioria se casam com loiras. Conseguir uma esposa branca, significa ter filhos mais claros, menos discriminados pela sociedade.

A invisibilidade da população negra e o estabelecimento da estética branca como modelo de beleza também é marcante nas revistas, inclusive as direcionadas aos adolescentes.

Em uma pesquisa realizada com as revistas “Atrevida” e da “Revista Toda Teen”, no período de julho de 2008 à junho de 2010, não houve nenhuma pessoa negra de destaque nas capas. (fonte: anais do IV fórum identidades e alteridades Gepiadde/ufs/Itabaiana).

Essas revistas são destinadas a um público de adolescentes feminino, em que são destaque, artistas de bandas, atores e atrizes estrangeiros em sua maioria, que ditam a moda e o padrão de beleza atual. Além de apresentarem o branco como o belo, ainda dão maior valor aos artistas estrangeiros.

A formação da identidade das crianças, portanto, sofre influência não só da mídia televisiva, mas também nas revistas e outros meios de comunicação.

Está no ar na Rede Globo, a série “Sexo e as Negas”, mais uma vez colocando a mulher negra como objeto de prazer sexual, sem nenhum outro valor a não ser esse. Idealizada e escrita por Miguel Falabela, O assunto da série, como o próprio nome já diz, é sexo o tempo todo.

Segundo Silva, (2005, p.7), A volúpia e sensualidade “natural” são atribuídas também à “mulata sensual”, uma caracterização estereotipada das mais comuns. Encarna as fantasias sexuais do homem branco, lasciva, irreverente, disponível para a relação sexual.

Em uma das cenas uma das protagonistas vai até a unidade de saúde com o intuito de assediar o enfermeiro e os dois mantêm relação sexual na maca, em um dos consultórios.

Os homens negros, na maioria das vezes, também são destacados pelo porte físico, másculo e sensual, objeto de desejo, sem destacar nenhum conteúdo intelectual.

O erotismo é outro componente estereotipado. Os homens brancos construíram uma imagem de que o negro é puramente instintivo, mais potente e sexualmente insaciável (Brookshaw, 1983). O “negro pervertido” é promíscuo e representa insegurança e medo ao homem e à mulher branca. (Citado por SILVA, 2005, p.7)

## 7 A EDUCAÇÃO E AS RELAÇÕES ÉTNICO – RACIAIS

Tendo em vista a ausência de pessoas negras com alto grau de escolaridade na população brasileira, e tendo por base dados de pesquisas dos censos atuais, verificou-se que algo deveria ser feito para sanar esse problema.

Dados da Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios – Pnad, divulgada em setembro de 2009 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) revelam que a população brasileira é composta por 45,1% de pardos, 6,1% de pretos, 0,9% de asiáticos e indígenas e 47,6% de brancos. Juntos, pretos e pardos representam 51,2 % da população brasileira (IBGE, 2009). Também mostravam que entre os indivíduos da população negra com mais de 18 anos apenas 8,2% frequentavam ou já haviam frequentado um curso superior, enquanto que entre os brancos esse índice era de 25,5%.

Foram adotadas algumas medidas positivas que visam diminuir essas desigualdades. Dentre elas, a política de cotas para o ingresso nas universidades e concursos públicos e a Lei 10.639/2003 que introduziu, na Lei 9394/1996 das Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a obrigatoriedade do ensino de história e cultura Afro-Brasileira e Africana.

De acordo com SILVA,(2006) a educação das relações étnico – raciais tem como objetivo promover a igualdade entre as pessoas. Já que os negros sempre estiveram em desvantagem em relação aos outros.

Para que haja igualdade, deve haver consciência política. As pessoas precisam conhecer a história do negro no Brasil e antes da escravidão, os negros precisam reconhecer sua identidade, lutar por seus direitos em ocupar os mesmos espaços sociais que os brancos e o poder público deve promover e fiscalizar ações de combate ao racismo e discriminações. Não basta criar leis, deve haver iniciativas para que elas sejam efetivadas.

O processo de educar as relações entre pessoas de diferentes grupos étnico-raciais tem início com mudanças no modo de se dirigirem umas às outras, a fim de que desde logo se rompam com sentimentos de inferioridade e superioridade, se desconsiderem julgamentos fundamentados em preconceitos, deixem de se aceitar posições

hierárquicas forjadas em desigualdades raciais e sociais (SILVA 2006, p.490).

Nesse sentido a escola tem um papel muito importante, pois é nela que a criança passa a interagir com a diversidade étnica, religiosa e de gênero. Portanto precisa ser educada de forma consciente para que não venha a se tornar um adulto cheio de preconceitos. Mas, não basta a escola ter como princípios em seu Projeto Político Pedagógico essas ações, elas precisam estar presentes na prática diária e serem incorporadas por toda a comunidade escolar, não apenas pelo corpo docente.

Podemos perceber que é justamente nesse quesito que as instituições falham, pois há alguns professores que participam de formações e defendem o trabalho com a educação das relações étnico raciais enquanto que outros ainda não se conscientizaram da importância dessa temática.

No Ensino Superior ocorre o mesmo descaso, formam – se professores graduados que nunca tiveram uma aula sequer sobre a história da África e do negro no Brasil, de forma mais aprofundada. Muito se fala no período da escravidão e pouco se aborda a riqueza cultural trazida pelo povo africano.

As dificuldades para implantação dessas políticas curriculares assim como a estabelecida no art. 26º da Lei 9.394/1996, por força da Lei 10.639/2003, se devem muito mais à história das relações étnico-raciais neste país e aos processos educativos que elas desencadeiam, consolidando preconceitos e estereótipos, do que a procedimentos pedagógicos, ou à tão reclamada falta de textos e materiais didáticos. Estes, hoje, já não são tão escassos, mas nem sempre facilmente acessíveis. (SILVA 2006, p.500).

De fato, a maioria dos professores reclamam da falta de materiais, disponíveis nas escolas para se trabalhar com a educação das relações étnico- - raciais. Também são poucas as editoras que produzem livros e divulgam materiais referentes à essas questões. Porém, não se pode negar que o professor deve ser também um pesquisador, e quando há interesse, busca metodologias e materiais para realizar seu trabalho.

Em relação à Educação Infantil, pesquisas revelam que apesar de as instituições pregarem a igualdade entre as crianças, isso não aparece na prática. Nos murais e materiais didáticos não há presença de crianças negras.

Outros elementos que demonstraram o silenciamento e invisibilidade da cultura e do grupo negro que representa a maioria das crianças e adultos

presentes na escola pesquisada dizem respeito aos recursos visuais, de comunicação e materiais diversos expostos na escola. Tais materiais evidenciam quais/qual culturas/a são privilegiadas, mesmo que seja de modo “inconsciente” SOARES e SILVA,(2013)

A falta de materiais didáticos e formação continuada também é um dado relevante que muito influencia na ausência do trabalho com a educação das relações étnico – raciais.

Dias (2007) citado por Soares e Silva (2013) aponta sobre a necessidade de trabalhar com professores referências que lhes permitam uma apropriação teórica sobre o tema. Também exige contemplar as dimensões de sua própria subjetividade para que compreendam que os processos de produção e reprodução do racismo na escola atingem também a eles, e não somente às crianças.

Nessa direção, Gomes, Oliveira e Souza (2010) citados por Soares e Souza apontam que para a efetivação desse direito, será necessário extrapolar a “letra da lei”, pois a existência da legislação desvinculada de um processo formador dos diversos sujeitos responsáveis pela condução do trabalho pedagógico, poderá torná-la menos efetiva.

Nas relações entre as crianças se refletem as diferenças, como também nos trabalhos em sala, quando as crianças negras são impedidas de desempenharem papéis que sempre se destinaram aos brancos.

Um dos episódios vivenciados no campo investigado refere-se à montagem de uma encenação sobre a história da “Branca de Neve”. Na apresentação observamos que não houve a preocupação de inversão de papéis e/ou releitura e ressignificação da história, possibilitando, por exemplo, que a personagem da Branca de Neve pudesse ser uma das meninas negras. Vimos que, ao contrário, a Branca de Neve foi destinada a uma menina branca (a Gabi), embora uma das meninas negras (Ana Carla) tenha apresentado o desejo interpretar esse papel, como foi afirmado por ela: [...] *lá no teatro eu queria ser a Branca de Neve, mas só podia gente branca, aí eu escolhi ser bruxa.* SOARES e SILVA, (2013)

Podemos notar que as crianças negras continuam passando por constrangimentos e privações devido à sua cor, desencadeando assim, sérios problemas de aceitação e formação de identidade.

Em uma pesquisa realizada com crianças de 7 a 10 anos em duas escolas públicas de Belo Horizonte, percebe-se uma maior clareza das crianças em relação ao racismo. Algumas argumentam que todos somos seres humanos, temos características iguais fisicamente e a cor não importa.

No entanto, há presença de conflitos entre elas devido às diferenças de cor. Porém quando agem dessa forma, sabem que não estão sendo corretas.

A gozação, enquanto uma prática social recorrente e característica da socialização entre pares, considerada *coisa de criança* pelos adultos e que, por isso, muitas vezes não é levada a sério, torna-se um eficiente mecanismo social de aquisição, consolidação e objetivação de uma ordem social preconceituosa .Fazzi,(2004, p.7)

Com certeza, esse seria o momento de discutir as relações étnico – raciais com as crianças e que muitas vezes não são aproveitados pelos pais e professores.

Termino a parte II desse artigo afirmando a ausência de uma discussão sistematizada e aberta da questão racial com as crianças. Mas, como deve ser feito esse debate? Qual deve ser a sua natureza? (Fazzi, 2004, p.13)

Alguns professores preferem levar os alunos que estão se agredindo com xingamentos, até a sala do diretor ou coordenação pedagógica ao invés de instigar a discussão em sala. Dessa forma, se livram da situação e privam os alunos de crescerem enquanto cidadão conscientes e antirracistas.

É o silêncio que mantém o discurso, na escola, que tenta “construir a igualdade entre os alunos a partir de um ideal de democracia racial”(Gonçalves, 1987, p. 28), ocultando os processos de discriminação. Citado por Silva,( 2005, p.13).

Por outro lado, de acordo com Fazzi,(2004) essas discussões entre as crianças mostram que esses conflitos fazem parte do processo de socialização e formação de personalidade, comuns durante a infância.

## 8 PESQUISA DE CAMPO

Em um trabalho de pesquisa realizado com crianças de 5 a 6 anos, numa turma de primeiro ano do Ensino Fundamental, foram entrevistadas nove crianças a respeito de situações envolvendo crianças negras e brancas.

Primeiramente os alunos assistiram um capítulo da novela Carrossel, onde o personagem Cirilo, um menino negro e de origem humilde, filho de um carpinteiro, não é aceito pela colega de sala em sua festa de aniversário. A menina faz a personagem Maria Joaquina, branca e filha do médico da novela.

As crianças reagem com euforia pelo requinte da festa, aquela que todos sonham em ter um dia. Ficam com pena da criança discriminada, mas não verbalizam nada.

Após o vídeo é feita uma roda de conversa e ao serem questionadas do que se tratava o vídeo, as crianças respondem com naturalidade o que viram, mas todos concordam que a menina não agiu de maneira correta.

Em seguida foram apresentadas algumas imagens de crianças brancas e negras e questionado qual delas convidariam para sua festa de aniversário.

Algumas escolheram pelo gênero, ou seja, as que eram do mesmo sexo que elas. Outras escolheram as crianças que estavam melhor vestidas (com roupas da moda), outras escolheram as que mais se pareciam com a família (cor da pele).

As crianças negras foram escolhidas apenas por duas, sendo uma branca e a outra afrodescendente. Outra criança afrodescendente, escolheu uma negra e uma branca, porque se pareciam com seus amigos.

As influências sofridas pela criança, interferem em suas escolhas e amizades. Até mesmo as questões de aparência (estar com a roupa da moda) faz com que todas as crianças se aproximem, pois querem ser bonitas e elogiadas como aquela que está “bem vestida”.

A criança que tem um pai negro, se identifica com as crianças negras, se parecem com as pessoas que cuidam dela, que amam e fazem parte de seu convívio.

O que é apresentado como bom, o que se assemelha a ela é bem aceito. Portanto, se passarmos imagens positivas de pessoas negras, se a mídia fizesse o mesmo, com certeza existiriam menos atitudes racistas em nosso país.

A educação atinge quase a totalidade das crianças e adolescentes, basta que os professores também encarem a educação das relações étnico – raciais como um compromisso e trabalhem com essa temática, não apenas para cumprir um plano de trabalho, mas porque entendem que se faz necessário.

## **9 ENQUETE REALIZADA COM ALUNOS DE 5 A 6 ANOS:**

Quem você levaria à sua festa de aniversário (mostrar fotos de um casal de crianças negras e um casal de crianças brancas)

Criança 1 (parda) Resposta: Levaria o casal de negros porque se parecem com meu pai.

Criança 2 (branca) R - casal de negros, não quis explicar por que.

Criança 3 (negro) R – casal de brancos. Porque sim.

Criança 4(branco) R – casal branco porque os dois estão de camiseta branca.

Criança 5 (parda) R – menina branca e menino negro, porque se parecem com meus amigos.

Criança 6 (pardo)R – Casal branco porque ambos estão de branco(mas a menina negra também está de branco)

Criança 7 (Pardo) R – Casal branco porque suas roupas são legais.

A oitava e nona criança também pardas responderam o mesmo que a sétima.

## **10 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao comparar as novelas “Carrossel” e “Chiquititas”, percebe-se que houve avanços no que se refere às relações raciais. Enquanto na primeira só havia uma criança negra, que era rejeitada e discriminada o tempo todo por uma menina branca, na segunda, embora sejam minoria, e provenientes das piores situações, elas são queridas por todas. As cenas de preconceito são mais sutis e o negro é visto como o mocinho, mas não tão passivo e “coitadinho”, como na primeira novela.

A discussão do tema educação das relações étnico – raciais têm tido maior ênfase nas formações continuadas para professores em Curitiba e região. Embora não tenha sido ainda, destaque em uma Semana de Estudos Pedagógicos, em que abrange todos os profissionais de uma rede de ensino, têm acontecido seminários, apresentações de trabalhos e aos poucos os trabalhos vem se ampliando.

As pesquisas acadêmicas também têm abordado o assunto, e com os avanços tecnológicos, os materiais bibliográficos estão mais acessíveis.

Após a criação da Lei 10.639/03 e 11.645/2008, os profissionais mais conscientes da importância da implementação dessas leis têm procurado materiais e formação a respeito.

Ao realizar a pesquisa com crianças do primeiro ano das séries iniciais do Ensino Fundamental, percebe-se que algumas manifestaram conhecimento sobre o assunto, que já havia sido discutido na Educação Infantil no CMEI (Centro Municipal de Educação Infantil). Elas já tinham a informação de que o racismo é crime e que não podemos diferenciar as pessoas por cor, raça, religião ou qualquer outra diferença. No discurso das crianças não importa a cor e sim o coração.

Com a implantação da lei de inclusão de crianças deficientes nas escolas, (Lei n. 7.853, de 24 de outubro de 1989), muito se têm discutido sobre os direitos humanos e o respeito às diferenças. Não podemos comparar as duas leis, pois cada uma tem sua especificidade, mas há que se considerar que as crianças dessa geração estão tendo a oportunidade de discutir e conviver em um universo bem diferente que as de algumas décadas atrás, desenvolvendo assim maior consciência crítica a respeito de vários conteúdos que anteriormente não eram trabalhados.

Na mídia, as questões étnico – raciais, ainda estão muito longe do esperado, mas os movimentos sociais estão pressionando para que as coisas melhorem. Uma ideologia tão enraizada na população brasileira não é tão simples de se desconstruir, por isso, o papel da educação é tão importante.

Com uma educação de qualidade, formando cidadãos mais críticos e conscientes, é possível formar uma população menos racista.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Marcelo P. **Infância na mídia brasileira e ideologia**. In: Anais do XIV Encontro Nacional da Abrapso, 2007, Rio de Janeiro. Diálogos em Psicologia Social. Porto Alegre. Abrapso/Ed. Evangraf, 2007. v.I. p. 257 – 274

ARAUJO, Joel Zito Almeida de. **A negação do Brasil – O negro na telenovela** brasileira. São Paulo: Editora SENAC .SP 2000

BATISTA, Leandro Leonardo. e LEITE, Francisco. **O Negro nos espaços publicitários brasileiros: Perspectivas Contemporâneas em Diálogo**. São Paulo.2011.

CAMPANÁRIO, Cláudia Acevedo de Abreu; NOHARA, Jouliana; RAMUSKI, Carmen Lúcia. **RELAÇÕES RACIAIS NA MÍDIA: UM ESTUDO NO CONTEXTO BRASILEIRO**. PSICOLOGIA POLÍTICA. VOL. 10. Nº 19. PP. 57-73. JAN. – JUN. 2010

DOMINGUES, Petrônio José. **Negros de Almas Brancas? A ideologia do, Branqueamento no Interior da comunidade Negra em São Paulo 1915 – 1930**.Estudos Afro-Asiáticos, ano 24, n3, 2002, p.563-599.

Disponível em:

<[http:// www.scielo.br/pdf/ea/v24n3/a06v24n3](http://www.scielo.br/pdf/ea/v24n3/a06v24n3). Acesso em: 13/08/2014.

DADOS DA NOVELA CARROSSEL. Disponível em:

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Carrossel\\_%28telenovela%29](http://pt.wikipedia.org/wiki/Carrossel_%28telenovela%29)

DADOS DA NOVELA CHIQUITITAS. Disponível em :

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Chiquititas>

Fazzi, Rita de Cássia. **Noções de preconceito e de igualdade entre crianças: a potencialidade do discurso relativizador**. Trabalho apresentado na 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil. Disponível em:[www.abant.org.br/.../MR%2026/rita%20de%20cassia%20fazzi.pdf](http://www.abant.org.br/.../MR%2026/rita%20de%20cassia%20fazzi.pdf). Acesso em: 22/12/2014

FREIRE, Paulo. **Comunicação ou Extensão?** Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1983

FREITAS, Rosangela Ramos de. **O tema trabalho infanto juvenil na mídia.** Tese de doutorado. PUC SP.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Identidades Fragmentadas: A construção discursiva da raça, gênero e sexualidade em sala de aula.** Campinas. Mercado das letras, 2002.( coleção letramento, educação e sociedade).

SACRAMENTO, Daniela Barreto do; LIMA, Maria Batista. **Identidade e Mídia: Ser negro/as em Revistas.** In: FÓRUM IDENTIDADES E ALTERIDADES: EDUCAÇÃO E RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS, 10 a 12 de novembro DE 2010, Itabaiana/SE, Brasil. **ANAIS** Itabaiana: UFS, ISSN 2176 – 7033. Disponível em: <http://200.17.141.110/forumidentidades/IVforum>

SILVA, Lourdes Ana Pereira. **Identidade e Telenovela como objetos de Análises.** In: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Caxias do Sul, RS – 2 a 6 de setembro de 2010. Disponível em: <http://www.foxitsoftware.com>

SILVA, Paulo V. B. **Racismo Discursivo na mídia Brasileira.** Trabalho apresentado no VI Congresso Latino-americano de Estudios del Discurso (ALED 2005), realizado em Santiago (Chile) de 05 a 09 de setembro de 2005.

SILVA, Paulo V. B. e ROSEMBERG, Fulvia. **Brasil: lugares de negros e brancos na mídia** In: VAN DIJK, Teun (org.) *Racismo e Discurso na América Latina.* São Paulo: Contexto, 2008. p. 73-118

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil.** Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 489-506, set./dez. 2007. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/2745/2092> Acesso em 19/12/2014.

SILVA, Santuza Amorim da; SOARES, Lucineide Nunes. **Relações Étnico-Raciais e Educação Infantil: Ouvindo Crianças e Adultos;** 36ª reunião nacional da ANPED – 29 de setembro a 02 de outubro de 2013, Goiânia-GO. Disponível